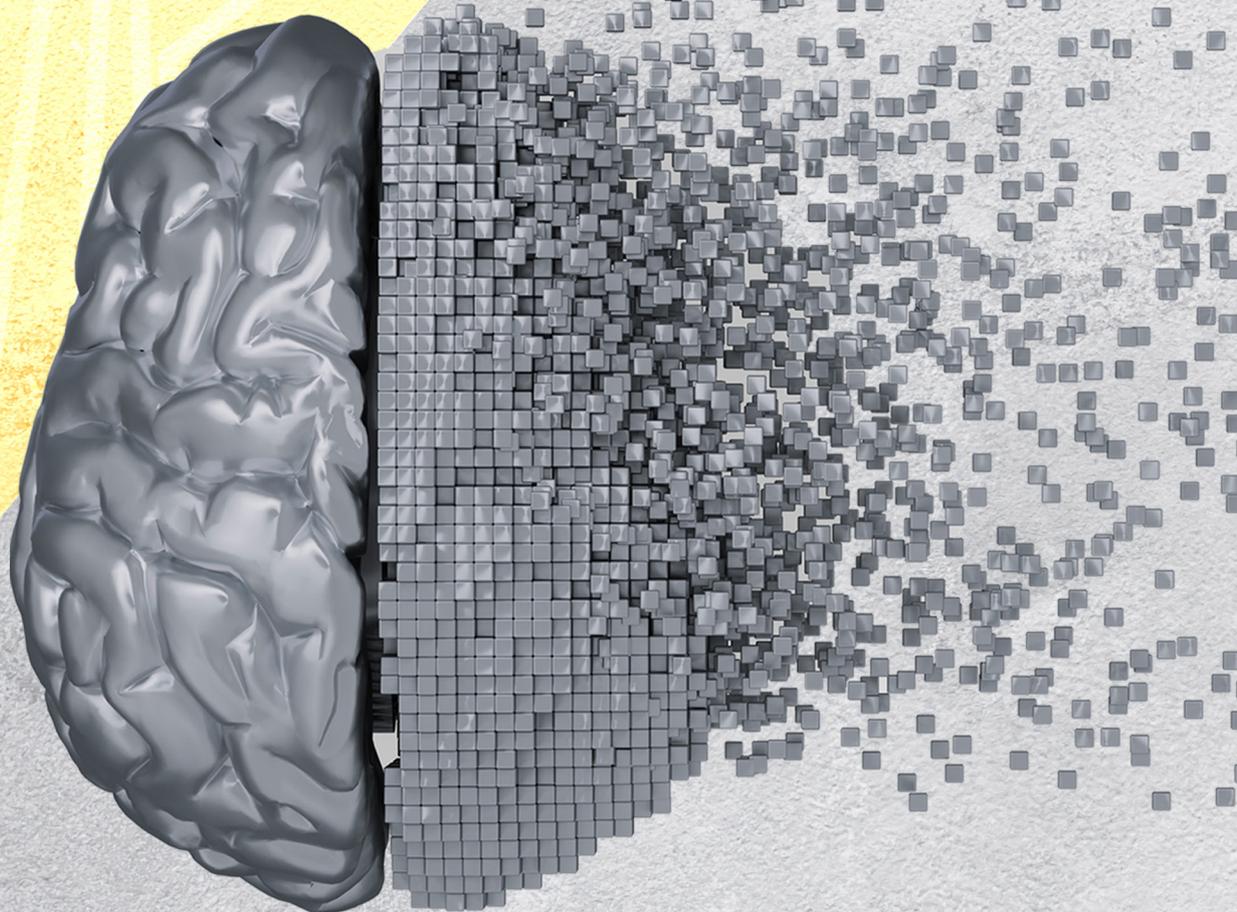


A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvoriz analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
CAPÍTULO 2	16
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
CAPÍTULO 3	28
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
CAPÍTULO 4	47
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
CAPÍTULO 5	56
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
CAPÍTULO 6	69
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

CAPÍTULO 7 78

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa
Nathália Fritsch Camargo
Guilherme Costa da Silva
Tamara Lansini Tolotti
Thayze Maria Marques Torbes
Guilherme Briczinski de Souza
Christofer da Silva Christofoli
Juliane Pinto Lucero
David de Souza Mendes
Mariana Edinger Wieczorek
Eduardo Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7841924047

CAPÍTULO 8 85

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso
Márcia Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7841924048

CAPÍTULO 9 91

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira
Mariele Rodrigues Correa

DOI 10.22533/at.ed.7841924049

CAPÍTULO 10 107

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.78419240410

CAPÍTULO 11 117

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti
Bruna Camargo
Guilherme Silva Costa
Patrícia Krieger Grossi

DOI 10.22533/at.ed.78419240411

CAPÍTULO 12 129

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSSE

Ariadne Mazieri de Moraes
Francisco Xavier Freire Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.78419240412

CAPÍTULO 13	142
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
DOI 10.22533/at.ed.78419240413	
CAPÍTULO 14	148
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.78419240414	
CAPÍTULO 15	165
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78419240415	
CAPÍTULO 16	176
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78419240416	
CAPÍTULO 17	190
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.78419240417	
CAPÍTULO 18	204
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.78419240418	
CAPÍTULO 19	207
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.78419240419	

CAPÍTULO 20 217

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240420

CAPÍTULO 21 233

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 243

PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA

Andressa Blanco Ramos Bispo

Universidade Anhembi Morumbi

São Paulo- SP

RESUMO: Sob o olhar da pedagogia crítica, o presente artigo apresenta um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. O objeto da pesquisa são as práticas pedagógicas da docente-pesquisadora. Como aporte teórico, retrata-se estudos acerca da Pedagogia Crítica; um panorama histórico da educação de jovens e adultos e a relação entre alfabetização, letramento e música com vistas à aprendizagem de jovens e adultos. A metodologia utilizada foi a Pesquisa-Ação, a partir da qual foi desenvolvida uma sequência didática com duração de três dias e como resultado, destaca-se a valorização docente de uma postura mais crítica e transformadora; a valorização da cultura local, nacional e mundial, bem como a valorização das relações sociais e o reconhecimento do pesquisador como sendo um indivíduo interessado nas questões sociais emergentes.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização e letramento; Música; Pedagogia crítica; Ensino-aprendizagem

ABSTRACT: Based on the studies of critical pedagogy, this article presents a study aimed at the development of literacy process of youth and adult education, using music as a mediation tool in teaching-learning process. This research focuses on the teacher-researcher's pedagogical actions. It was based on the studies of Critical Pedagogy; the history of youth and adult education in Brazil; and the relation between literacy and music. Methodology was based on Action-Research, which helped develop a three-day didactic sequence. Its results show the value of a more critical and transformation-oriented attitude from the educator; the importance of local culture as well as the national and global ones; the importance of social relations and the assumption of the researcher as an individual engaged in the emerging affairs of society.

KEYWORDS: Literacy; Music; Critical pedagogy; Teaching-learning

1 | INTRODUÇÃO

Sob o olhar da pedagogia crítica, o presente artigo apresenta um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa teve como objetivo geral explicitar as práticas pedagógicas da docente-pesquisadora visando a alfabetização e letramento e como objetivos específicos planejar e aplicar uma sequência didática focada na alfabetização e letramento; utilizar a música como instrumento mediador no planejamento e na execução da sequência didática; refletir, avaliar e reconstruir as práticas docentes; conhecer as especificidades da educação de jovens e adultos e, por fim, compreender a pesquisa científica como parte do processo de amadurecimento acadêmico.

Como aporte teórico, são retratados estudos acerca da Pedagogia Crítica (FREIRE, 1970 e 1996; SMYTH, 1992; LIBERALI, 2008 e CAPELLA, 2015); um panorama histórico da Educação de Jovens e Adultos (SOUZA, 2012) e, finalmente, a relação entre Alfabetização, Letramento e Música com vistas à aprendizagem de jovens e adultos (FREIRE, 1970/ 1996) e (SWANWICK, 2003).

Como metodologia de pesquisa, foi utilizada a Pesquisa-Ação. Após observar dezesseis dias de aula na Escola Municipal Monteiro Lobato e detectar o perfil dos alunos, aplicou-se uma sequência didática com a duração de três dias. No primeiro dia, trabalhou-se com uma letra de música; no segundo, foi ministrada uma aula-passeio a fim de assistir a um concerto e no último dia realizou-se um bate-papo a respeito das experiências vividas no concerto e foi desenvolvida uma aula com essa temática.

Esta pesquisa foi patrocinada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica/Anhembi Morumbi (PIBIC/AM) e se encaixa na linha de pesquisa Ensino-Aprendizagem. Integra o grupo de pesquisa “Pedagogia Crítica e Estudos Vygotskyanos em Contextos de Alfabetização e Letramento”, liderado pelo professor-orientador Leandro Capella.

2 | REFLEXÃO CRÍTICA

O desenvolvimento deste trabalho tem como princípio motivador o conceito de reflexão crítica, proposto por Van Manen *apud* Liberali (2008), podendo ser instrumentalizado nas quatro ações sugeridas por Smyth (1992): Descrever (o que faço?); Informar (qual a fundamentação teórica para tal ação?); Confrontar (como me tornei assim? ou Quero ser assim?) e Reconstruir (Como posso agir diferente?). Entretanto, para se alcançar a reflexão crítica, perpassamos pelo conceito de “ação rotineira” X “ação reflexiva” (DEWEY *apud* CAPELLA, 2015) sendo que o primeiro se refere à prática docente sem maiores contestações, restrita ao senso comum e o segundo se detém da prática comparada e contrastada com outras práticas.

Liberali (2008) com base em Dewey e Van Manen, antes de tratar do conceito de reflexão crítica, aborda outros dois conceitos: reflexão técnica e reflexão prática. No primeiro, a reflexão docente se dá por meio de conhecimentos teóricos e técnicos, na qual são aplicadas normas científicas pouco empíricas com o intuito de melhorar a prática em sala de aula. Já o segundo, se assemelha à “ação reflexiva” a partir da

qual é possível alterar as práticas por meio da observação de outras práticas, levando em conta a funcionalidade das ações, isoladas do contexto social e centralizadas no pragmatismo da atuação docente. Nesse segundo modelo, é possível aplicar a etapa descritiva (SMYTH, 1992), a partir da qual o professor percebe suas ações, podendo modificar sua aplicabilidade.

A reflexão crítica, foco deste trabalho, retoma características tanto da reflexão técnica como da prática, resolvendo as contradições que há entre elas. Nesse momento, o foco é direcionar a tríade: prática, técnica e crítica à emancipação dos sujeitos, levando em consideração o contexto histórico-social, bem como aspectos éticos e morais. Na reflexão crítica, os educadores entendem-se como intelectuais capazes de conduzir transformações sociais e formar sujeitos críticos e ativos na comunidade.

O educar crítico dá voz ativa aos estudantes em suas experiências de aprendizagem, além de utilizar a linguagem crítica condizente para tratar dos problemas cotidianos, como indica Freire (1970, p. 78) “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

Dentro do que foi discutido, Smyth (1992) propõe um processo de reflexão crítica amparado nas quatro categorias supracitadas. Descrever: narrar os fatos simples e pragmaticamente, sem influência de impressões pessoais; Informar: o ato de compreender as ações e as práticas anteriormente descritas, nessa categoria as interpretações do narrador começam a aparecer; Confrontar: remete ao questionamento das razões por trás das práticas, buscando os valores que permeiam o agir e o pensar do educador (bagagem cultural, histórica e preferências). Nessa etapa ocorre o questionamento de ideologias políticas, pedagógicas, profissionais e pessoais, além de um desconforto causado pelo conflito entre “quem eu sou” e “quem quero ser” (CAPELLA, 2015). Por último, o Reconstruir: nessa etapa pode-se observar tudo o que foi feito e, então, aprimorar, desconstruir, refazer. Esse é o momento em que o docente poderá refletir sobre como superar a realidade vigente, poderá sugerir mudanças de postura, abordagem, conteúdos, disposição do espaço, entre outros aspectos relevantes.

Sendo assim, esta pesquisa propõe uma análise crítico-reflexiva das práticas docentes em questão, pautadas nos conceitos de reflexão crítica e consonantes à definição de “práxis” (FREIRE, 1970, p. 21) como sendo a “reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo”.

3 | EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Baseado nos estudos de Souza (2012), este capítulo traça um histórico a respeito da EJA, sendo uma modalidade da educação básica, reconhecida na LDBEN nº 9.394/1996, que no art. 37 destaca: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental

e Médio na idade própria”.

Diferente dos dias atuais, nos quais está firmado o consenso de que o sujeito da EJA possui ampla bagagem cultural e que os conteúdos devem dialogar com essa realidade, na primeira metade do século XX o cenário era diferente. Os principais sujeitos da educação de jovens e adultos eram os migrantes de diversas localidades da região rural brasileira que se mudavam para as cidades porque havia poucas escolas nas regiões rurais, sendo difundida a ideia de que o trabalhador rural não precisava ser alfabetizado para realizar trabalhos manuais.

Somente na década de 40 o governo percebe, por meio de levantamento de dados, que o analfabetismo é uma característica relevante do subdesenvolvimento do país. Nesse sentido, as autoridades políticas criaram a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), resumindo o processo de alfabetização a três meses de duração. O interesse era mais político do que social, ampliando o número de eleitores nas votações. Apesar de a campanha ter sido extinta em 1963, ela ajudou a combater o preconceito com a classe trabalhadora analfabeta.

No final dos anos 50 e início dos anos 60, Paulo Freire começa a instaurar a educação popular, uma nova pedagogia que consideraria toda a bagagem cultural, social e histórica do sujeito para alfabetizá-lo de maneira contextualizada com sua realidade. Entretanto, com o golpe militar de 1964, Freire é exilado e seu modelo educacional dá lugar ao Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), um movimento assistencialista e conservador com objetivo de promover a alfabetização de caráter estritamente funcionalista.

Em 1970, o Mobral continua crescendo no território nacional e surge o Programa de Educação Total (PEI), uma oportunidade para os jovens recém-analfabetos e analfabetos funcionais continuarem seus estudos. Ainda na década de 70, surge o Centro de Estudos Supletivos (CES) que dava uma rápida certificação, porém superficial, tecnicista e autoinstrucional.

Na década de 80, com o texto constitucional de 1988, o acesso ao Ensino Fundamental passa a ser gratuito e obrigatório para qualquer cidadão. A década de 80 é marcada pelo início de muitos debates sobre novas propostas pedagógicas.

Desde o final da década de 40 são realizadas as Conferências Internacionais da Educação de Adultos (Confiteas). A primeira ocorreu na Dinamarca (final da década de 40); em 1960 no Canadá; em 1972 no Japão; em 1985 na França; em 1997 na Alemanha; em 2003 na Tailândia e em 2009 no Brasil. Essas conferências discutem o desenvolvimento da educação de adultos, o papel do Estado, o direito de aprender e o papel da alfabetização diante da equidade.

Entretanto, em 1990 ocorre a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, na Tailândia, com os seguintes objetivos:

- Satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem;
- Expandir o enfoque;

- Universalizar o acesso à educação e promover a equidade;
- Concentrar a atuação na aprendizagem;
- Ampliar os meios e o raio de ação da educação básica;
- Propiciar um ambiente adequado à aprendizagem;
- Fortalecer as alianças;
- Desenvolver uma política contextualizada de apoio;
- Mobilizar os recursos;
- Fortalecer a solidariedade internacional. A EJA constitui uma das frentes de debate nessa Conferência Mundial.

Sendo assim, a década de 90 foi um marco para as modificações do cenário educacional, ocorrendo mudanças na legislação, publicação de diretrizes curriculares para a EJA e a inserção de metas no Plano Nacional de Educação (PNE).

Em janeiro de 2003, O MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso, foi criada a secretaria extraordinária de erradicação do Analfabetismo.

Portanto, ao traçar essa breve linha do tempo, pode-se destacar como o principal problema da EJA a desigualdade social, revelada pelos seguintes fatores: a baixa escolaridade; a predominância de atividades rurais até meados do século XX e o preconceito que excluía a educação a essas camadas sociais; a perpetuação do analfabetismo até 1888 com a predominância das relações escravocratas; a evasão escolar revelada pela pobreza, impedindo que jovens permaneçam ou acessem a escola no momento adequado; a defasagem na formação de professores e a tardia prática da educação escolar pública e da educação de adultos no país.

Conforme o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais (2004), enquanto modalidade de educação básica, o EJA, conforme expressa na LDBEN, não se consubstancia apenas no âmbito da alfabetização. Mas vai além, com função, abrangência e importância muito maior. Nessa perspectiva, o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 redefine as funções do ensino supletivo constantes do Parecer CFE nº 699/72 e atribui à EJA três funções básicas:

Função reparadora

A função reparadora constitui-se na restauração do direito a uma escola de qualidade, o que significa ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, contribuindo para a conquista da cidadania e a inserção no mundo do trabalho, através da aquisição das competências exigidas para isso. A função reparadora significa a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade e o reconhecimento de igualdade de todo e qualquer ser

humano.

Função equalizadora

Dá cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados, a reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja repetência, ou seja, evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

A função equalizadora aplica-se àqueles que antes foram desfavorecidos quanto ao acesso e permanência na escola, devendo receber, proporcionalmente, maiores oportunidades que os outros, para ter restabelecida sua trajetória escolar de modo a readquirir a oportunidade de um ponto igualitário no jogo conflitual da sociedade.

Função Permanente ou qualificadora

Propicia a todos a atualização de conhecimento por toda a vida. Ela é o próprio sentido da EJA, tendo como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares e não escolares. Atua como um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade.

Sendo assim, de acordo com o parecer 11/2000, a EJA necessita de um modelo pedagógico próprio que assegure a inclusão de estratégias de valorização da experiência de vida (social, cultural e profissional) coerente com a realidade de jovens e adultos.

4 | MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ao falarmos sobre Educação de Jovens e Adultos, é primordial pensarmos no conhecimento prévio, na bagagem cultural e, sobretudo, na experiência de vida intrínseca aos indivíduos presentes nesse contexto. Com base em estudos sobre a música, Swanwick (2003, p. 40) afirma que “A música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança.”

Partindo desse pressuposto, é importante considerarmos a formação de docentes atuantes nessa modalidade. Uma vez que os educandos da EJA são jovens, adultos e idosos repletos de experiências e histórias de vida para compartilhar, devemos considerar uma formação docente específica que saiba atuar e mediar as situações de aprendizagem bem como metodologias, didáticas e conhecimentos coerentes com essa realidade.

Paulo Freire foi um dos pioneiros de uma concepção de educação que prioriza a libertação e a conscientização. Ou seja, a educação precisa formar um cidadão crítico capaz de transformar a sua realidade, superando os moldes opressores do sistema vigente, como afirma Freire (1970, p. 58): “o importante é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se.”

Portanto, na EJA, a alfabetização deve ocorrer respeitando o conhecimento de mundo que os sujeitos dessa etapa já possuem, questão que pode ser trabalhada por meio da música porque nela estão contidos valores simbólicos, históricos, políticos, culturais e pessoais que representam a individualidade e, muitas vezes, a coletividade oriunda de um determinado grupo social.

Assim posto, a música quando bem contextualizada é capaz de provocar uma profunda identificação por parte do indivíduo, uma vez que ele enxerga a sua realidade impressa no papel ou cantada pelos alto-falantes do rádio e consegue se enxergar como parte do mundo e como fragmento de uma cultura. A partir desse momento, o indivíduo une forças para transformar a sua realidade.

No trabalho pedagógico, todo esse “efeito musical” pode ser obtido por meio do uso das palavras geradoras - palavras significativas e presentes no cotidiano dos alunos - e que podem ser encontradas nas letras das músicas. Como postula Freire *apud* Soares (2017) “(...)Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido.” Ademais, como estará mais explícito no capítulo a seguir, o trabalho com a música permite conhecer de forma abrangente a infância dos sujeitos, o contexto social, as experiências regionais, as profissões, a cultura predominante, a relação com a família, as emoções e os sentimentos, viabilizando uma alfabetização mais significativa com vistas ao letramento.

5 | CONTEXTO E METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na escola municipal Monteiro Lobato, localizada no endereço Av. Paula Ferreira, 2653 - Vila Pereira Barreto, São Paulo - SP, 02915-100 no período de 23 de março de 2018 a 23 abril de 2018 durante o período noturno.

A metodologia deste trabalho, a fim de categorizar as ações e práticas pedagógicas a seguir, será exposta no molde do trabalho de Smyth (1992) a respeito do processo de reflexão crítica. Também foi amparado na Pesquisa-Ação, uma vez que a docente atua igualmente como pesquisadora. (CAPELLA, 2015).

Após observar 15 aulas da professora titular e detectar o ritmo da sala, foi desenvolvida uma sequência didática de 3 dias com base nos conteúdos aprendidos

pelos alunos: consoantes, vogais, fonemas, substantivos próprios e o alfabeto em geral.

19/04/2018. Duração: 1h15min.

Descrever:

1. A aula foi iniciada cantando a música Asa Branca- Luiz Gonzaga;
2. Foi entregue a letra impressa para os alunos e, posteriormente, reproduzida novamente, solicitando que acompanhassem a letra e cantassem;
3. Foi solicitado que os alunos identificassem (pintando, circulando ou sublinhando) as palavras que iniciassem com cada letra do alfabeto. Conforme os alunos encontravam as palavras, elas eram escritas na lousa, em ordem alfabética, de A-Z. As letras que não correspondessem ao início de nenhuma palavra do texto, também eram anotadas na lousa de forma que os alunos pudessem se lembrar de alguma palavra do cotidiano que conhecessem.
4. Após essa etapa, os alunos colaram a letra da música em seus cadernos e organizaram, na vertical, linha por linha, a sequência do alfabeto para, ao lado da letra, escreverem a palavra correspondente encontrada.
5. Terminada a tarefa, foi tocada a música Morena Tropicana- Alceu Valença, sobre a qual os alunos comentavam na semana passada em uma conversa informal. Os alunos dançaram e cantaram livremente na sala até o final da aula.

Informar: O conteúdo da aula foi: leitura, sequência alfabética, reconhecimento das letras, vocabulário e regionalidade. O foco da abordagem foi o gênero musical forró, sobre o qual os alunos comentaram bastante nos dias anteriores. A aula foi iniciada de maneira descontraída, com a docente-pesquisadora e os alunos cantando juntos e, após ouvirem a música, discutiram sobre a temática. A docente-pesquisadora perguntou o que haviam entendido da música e se já haviam ouvido alguma vez. Todos os alunos disseram conhecer a música e alguns contribuíram falando sobre a temática da seca e da desigualdade social. Um aluno lembrou sobre quando precisou vir para São Paulo com a família, fugido da seca e da pobreza. A interação ocorreu por meio de discussões sobre o tema e com todos cantando juntos de forma descontraída. A atividade foi feita individualmente, com o auxílio da docente-pesquisadora. A proposta era encontrar palavras no texto da música que comesçassem com as letras do alfabeto, uma por uma, sequencialmente. Alguns alunos circulavam mais de uma palavra que encontravam e a docente-pesquisadora precisava intervir, lembrando-os de que o propósito era circular só uma palavra com cada letra para a atividade ser finalizada de maneira correta. Mesmo assim, as hipóteses dos alunos eram levadas em consideração, pois a docente-pesquisadora comentava sobre as palavras que haviam encontrado com a mesma letra e, se necessário, um colega ajudava o outro a encontrar uma segunda opção no texto. Durante a atividade, os alunos achavam fácil e pulavam para a próxima letra sem aguardar os colegas, então era necessário

lembra-los de fazerem todos juntos. As palavras que não encontravam com algumas das letras eram pensadas coletivamente, descobrindo outras palavras não presentes no texto, porém existentes no cotidiano.

Após circularem todas as palavras possíveis, a docente-pesquisadora pegou o caderno de um dos alunos e pediu para que escrevessem o alfabeto na vertical, linha por linha, ela foi demonstrando na lousa e no caderno como era para ser feito, porém, não sobrou tempo para transcreverem as palavras, então foi solicitado que fizessem em casa.

De modo geral, a atividade pareceu ser fácil para os alunos, da mesma forma que pareceram se divertir muito, além de trocarem experiências e ajudarem uns aos outros.

Confrontar: Ao proporcionar uma aula interativa e dinâmica, na qual todos pudessem participar, foi pensada a superação do formato das aulas tradicionais que, inclusive, foram observadas dias antes da aplicação da sequência didática. A aula propôs maior autonomia e interação por parte dos alunos, incentivando-os a cooperarem uns com os outros na busca de resultados, além de trabalhar com temas mais próximos da realidade, do contexto social e da origem de cada um. Os alunos puderam refletir sobre o tema pobreza e sobre a migração, comparando e superando a sua realidade atual com o passado no Nordeste (região onde a maioria dos alunos nasceram). Os alunos que não nasceram no Nordeste e não conheceram de perto o problema da seca puderam, ao menos, trocar experiências com os colegas e concluíram que São Paulo ainda é um lugar bom para residir, além de possuir um clima mais favorável para a saúde e para o trabalho.

Reconstruir: Percebendo que a atividade foi relativamente fácil para a maioria dos alunos, foi detectada a necessidade de torná-la mais instigante. As reformulações pensadas foram: pedir para encontrarem palavras específicas do texto, bem como identificarem sílabas; durante a execução da atividade também foi identificada uma dúvida por parte dos alunos a respeito do uso do -RR e do -SS, a qual poderia ter sido explorada; também seria possível trabalhar mais com substantivos próprios, por exemplo, partindo do nome da personagem “Rosinha”, que aparece na música ou dos substantivos Brasil e Nordeste, permitindo a exploração do conceito de regionalidade. Foi identificada, também, a possibilidade de desenvolver uma atividade relacionando substantivos com adjetivos.

22/04/2018. Duração: 1h30min

Descrever/Informar: No domingo foi feita uma aula-passeio à Sala São Paulo, localizada no centro de São Paulo, próxima à estação Luz. Os alunos assistiram a um concerto com músicas contemporâneas bem características das trilhas sonoras de filmes. Ao final, a orquestra também tocou músicas brasileiras e a regente enfatizou a importância da valorização da cultura brasileira, além de conhecer várias outras. Todos foram convidados a levantar das cadeiras para cantar e dançar.

Os alunos puderam conhecer a disposição de uma orquestra, os tipos de instrumentos, o posicionamento dos músicos e entraram em contato com produções musicais mundiais.

Foi um dia de aprendizado informal e enriquecimento da bagagem cultural, um dia com os familiares e amigos. A docente-pesquisadora foi responsável por conseguir a quantidade de ingressos necessária para que cada aluno pudesse desfrutar daquele momento ao lado de pessoas especiais. Alguns foram de carro com familiares e outros encontraram a docente-pesquisadora em frente à escola para juntos pegarem ônibus e trem, aproveitando para fazer a leitura de placas e informações dispostas nas ruas de São Paulo.

Confrontar: Foi escolhido esse passeio a fim de proporcionar um momento de aprendizado informal e experimental, onde fosse possível aprender mesmo fora da sala de aula e conhecer outra cultura (a erudita), bem como aprofundar os conhecimentos sobre a linguagem musical que permeia o mundo e adentrar um outro espaço social, repleto de normas próprias.

Reconstruir: Como melhoria, foi ressaltada a hipótese de todos os alunos e familiares irem juntos ao evento, assim um maior número de alunos teria se animado para o passeio, já que domingo geralmente é um dia de se passar com a família em casa. Porém, não foram obtidos recursos para uma espécie de excursão em veículo contratado.

23/04/2018. Duração: 1h15min.

Descrever:

1. A docente-pesquisadora conversou com os alunos sobre a aula-passeio, contando a experiência para aqueles que não puderam comparecer. O primeiro tempo da aula foi aberto à discussões e comentários sobre a orquestra. Foram fornecidas, também, informações sobre como conseguir ingresso para os concertos matinais gratuitos via site ou bilheteria.
2. Um pequeno texto de 4 linhas foi escrito na lousa para que os alunos pudessem copiar em seus cadernos, a respeito da formação de uma orquestra.
3. Após copiarem, foi distribuída uma imagem ilustrando a disposição de uma orquestra, para que colassem abaixo do texto.
4. Foi feita uma atividade de preenchimento de lacunas com as letras faltantes nas palavras: corda, sopro e percussão. Nesse momento, a turma comentou sobre alguns instrumentos de cada grupo. A docente-pesquisadora disponibilizou um livro ilustrado para que pudessem manusear.

Informar: O foco do conteúdo dessa aula foi promover um feedback da aula passeio e aprender um pouco sobre o conhecimento científico que envolve a música. Sendo assim, foi conversado sobre o passeio de domingo e os alunos puderam tirar dúvidas e contar para os colegas que não puderam comparecer. Conteúdo da aula: escrita, consoante e música.

Foi discutido sobre os tipos de instrumentos de uma orquestra com a ajuda de um livro ilustrado; também foi falado sobre a função de cada músico presente e sobre o papel da regente, fazendo uma analogia ao papel do professor, responsável por mediar as abordagens em sala de aula.

Os alunos pareceram interessados em participar de outros concertos matinais da Sala São Paulo. Eles se interessaram em saber sobre o endereço, o telefone, o site e como conseguir os ingressos gratuitos. Toda a informação foi disponibilizada na lousa e, interessados, os alunos anotaram em seus cadernos. Ademais, disseram que gostaram muito do final do concerto, quando a orquestra tocou diversos sambas para todos lembrarem, dançarem e cantarem juntos, valorizando, sobretudo, a cultura brasileira e tantas outras composições mundiais.

Após a conversa de abertura da aula, foi escrito um pequeno texto na lousa, apresentando uma breve introdução sobre o que é uma orquestra e por quantos grupos/naipes ela é formada: cordas, sopro e percussão. Os alunos interagiram bem com o texto, já que, inicialmente, a docente-pesquisadora leu em voz alta e, posteriormente, pediu para copiarem no caderno. Eles quiseram exemplos de instrumentos de cada grupo/naipe, então, a docente-pesquisadora escreveu o nome de alguns na lousa, demonstrando-os no livro ilustrado. Junto com o texto, foi distribuída uma imagem ilustrando a disposição de uma orquestra para colarem abaixo ou acima da escrita.

Posteriormente, foram trabalhadas as consoantes em uma atividade que solicitava o preenchimento das lacunas com as consoantes faltantes das palavras: cordas, sopro e percussão. Essa atividade pareceu muito fácil para os alunos, tanto que um deles comentou que a atividade era “mamão com açúcar”.

Confrontar: A escolha da finalização da sequência didática um dia após o passeio, teve como intenção o feedback das atividades informais, já que momentos como esse propiciam transformar o aprendizado abstrato em aprendizado concreto. A última aula teve a função social de incentivo à cultura e ao lazer como forma de aproveitar todos os eventos gratuitos que São Paulo oferece, bem como aprimorar a escrita.

Reconstruir: Privilegiando o aspecto técnico-científico da música, a docente-pesquisadora poderia ter feito uma dinâmica de adivinhação, a partir da qual os alunos devessem ouvir o som de um determinado instrumento e, em seguida, adivinhar o nome do instrumento, levando em consideração o timbre, o tipo de material, a intensidade do som, entre outros aspectos. Com essa atividade, também seria possível desenvolver a escrita, por exemplo, incentivando os alunos a escreverem o nome do instrumento, a primeira letra, a última letra e assim por diante.

6 | DISCUSSÃO E RESULTADOS

De maneira geral, o desenvolvimento da sequência didática foi satisfatório. Entretanto, em alguns momentos, foi detectado que poucos conhecimentos novos

foram explorados, dando espaço à reafirmação de conteúdos já aprendidos, exceto os conhecimentos mais específicos sobre a música, que foram novos para a maioria e que complementaram o conhecimento de alguns alunos que tocavam violão e outros que cantavam no coral da escola. A maior dificuldade na escolha e na delimitação dos conteúdos foi o curto tempo de atuação concedido pela direção da escola: apenas 2 dias após o intervalo até o horário da saída, resultando em 1 hora e 15 minutos por dia. Devido à restrição de tempo, foi necessário encurtar as aulas para deixá-las menos complexas, já que essa complexidade exigiria mais tempo com cada aluno, de mesa em mesa. Essa escassez de tempo também interferiu na disposição do espaço, impossibilitando o trabalho em formatos diferentes (roda e grupos menores) e reafirmando o cenário de carteiras enfileiradas.

A respeito da relação teórico-prática deste trabalho, há um destaque para a importância de o docente estar em constante autoavaliação, reconhecendo os pontos fortes e fracos de suas aulas e conhecendo seus alunos como sujeitos ativos da construção do conhecimento como sendo uma troca de saberes. Somente refletindo diariamente sobre suas práticas, será possível que o docente promova melhorias. Vale ressaltar que o processo de Reflexão Crítica sugerido por Smyth (1992) é um parâmetro eficaz nesse processo de amadurecimento porque, primeiramente, se aprende a Descrever as ações docentes de maneira sucinta; posteriormente se aprende a Informar, deixando explícitos aspectos mais formativos; na sequência se aprende a Confrontar escolhas, entendendo como as próprias vivências e aprendizados influenciam fatores como o planejamento de aula e a didática e, por fim, se aprende a Reconstruir a aula, ou seja, pensar em outras formas de abordar o mesmo conteúdo, formas que possam ser mais efetivas e significativas.

Ao final do processo, é possível reconhecer a interdependência entre o planejamento e aula prática e, na mesma proporção, o distanciamento entre esses dois momentos (o de planejar e o de executar), uma vez que a aula é planejada de uma forma, como se tudo fosse ocorrer de maneira impecável e imutável, imaginando que os alunos interajam a todo momento, questionem e façam intervenções quando, na realidade, muitos estão inseridos no molde da educação bancária (FREIRE, 1970), no qual somente recebem o conteúdo dos educadores sem participar ativamente dessa co-construção que deve ser o processo de ensino-aprendizagem em qualquer faixa etária, especialmente na modalidade EJA. Daí a extrema importância do diálogo deste trabalho com os estudos de Freire (1970 e 1996) na busca de libertar os sujeitos, tanto da educação bancária como dos moldes opressores do sistema, possibilitando que se tornem questionadores e transformadores da realidade. Ainda nessa perspectiva, a música corrobora com a ruptura dessas barreiras sociais, pois ela permite que o indivíduo reflita sobre as suas origens, a sua realidade e sobre como superar os obstáculos e reconhecer sua identidade. Além disso, a música articula a memória, as emoções e os mais variados sentimentos. É uma maneira de refletir sobre a vida de maneira descontraída, mas sem perder o senso crítico. O trabalho com a música para

jovens e adultos funcionou muito bem exatamente porque os alunos compartilharam lembranças e sentimentos sobre morar no nordeste e sobre ter que migrar para São Paulo em busca de melhores oportunidades de emprego e estudo, ou seja, resgataram suas origens, sua realidade e suas identidades individuais e coletivas. Além da reflexão, a música também proporcionou momentos de interação social e diversão, os alunos dançaram forró uns com os outros, cantaram e até lembraram de quando se aventuraram em festas quando mais jovens.

Na dimensão acadêmica, ressalta-se que o grupo de pesquisa é uma importante dinâmica de aprendizagem, já que aprende-se de maneira colaborativa. Aprende-se, também, que a pesquisa nunca termina da mesma forma que começa, porque quanto mais se pesquisa, mais demandas surgem juntamente com a necessidade de se adequar a novos estudos e teorias. A pesquisa científica supera a zona de conforto em que se encontra qualquer sujeito, sugere novos ângulos e gera o aperfeiçoamento da habilidade de investigação.

Portanto, ao iniciar na carreira científica, o aprendizado obtido é cultivar a tríade: paciência, perseverança e sabedoria a fim de sempre encontrar novas soluções e fazer novas descobertas.

Sendo assim, conclui-se esta etapa com a satisfação de os alunos terem aprendido mais sobre a linguagem musical; conhecido mais sobre os eventos gratuitos em nossa cidade; lido e escrito sobre esses assuntos e, inclusive, pelo entendimento e pela empatia da professora titular permitir que todas as atividades desenvolvidas fossem coladas no caderno da escola, possibilitando que os alunos sempre se lembrem dessa experiência até o fim do ano letivo ou para além dele. No final das contas, o letramento é essa troca de experiência e de conhecimento, essa leitura abrangente sobre o mundo que nos cerca, é a compreensão de ser quem nós somos e de superarmos nossas limitações, seja no aspecto educacional, político, social, cultural ou econômico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais:** Educação básica/Brasil. Conselho Nacional de Educação. Brasília – DF, 2004.

CAPELLA, Leandro. **A formação do Professor de um Curso de Inglês para Professores da Rede Pública: Reflexão Crítica sobre o contexto criado para Ensino-Aprendizagem.** Dissertação de mestrado. PUC-SP, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBERALI, Fernanda Coelho. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais.** Taubaté-SP: Cabral livraria e editora universitária, 2008.

SMYTH, John. **Teacher's work and the politics of reflection.** In: American Educational Research

Journal. Melbourne. Education and Development, Monash University, 1992.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. Ed.- São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Editora InterSaberes, 2012.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

<<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/>> Acessado em 5 de julho de 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-278-4

